CAPÍTULO XVI

O MARANHÃO E A FALSA EUFORIA DO FIM DA ÉPOCA COLONIAL

O ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XVIII constituiu uma nova etapa de dificuldades para a colônia. As exportações, que em torno de 1760 se haviam aproximado de cinco milhões de libras, pouco excedem em média, nos últimos vinte e cinco anos do século, os três milhões. O açúcar enfrenta novas dificuldades e o valor total de suas vendas desce a níveis tão baixos como não se havia conhecido nos dois séculos anteriores⁷³. As exportações de ouro, durante esse período, promediaram pouco mais de meio milhão de libras. Enquanto isso a população havia subido a algo mais de três milhões de habitantes. A renda *per capita*, ao terminar o século, provavelmente não seria superior a 50 dólares de poder aquisitivo atual — admitida uma população livre de dois milhões

(73) Os dados relativos às quantidades e preços do açúcar foram cuidadosamente reunidos por R. SIMONSEN. (Veja-se *op. cit.*, quadro em frente à página 114.) É possível, entretanto, que esses dados não traduzam com exatidão a situação da economia açucareira, no correr do século XVIII, apresentando-a mais favorável do que na verdade foi. Com efeito, SIMONSEN utiliza as cotações do açúcar bruto em Londres, sem levar em conta que a lei de 1739, que reservou o mercado inglês para o açúcar das colônias da coroa britânica, teve por efeito elevar os preços na Inglaterra com respeito às cotações internacionais. "*The effect and significance of the act of 1739 lay in its power to raise the price of sugar in the British Market*" (...). Os produtores das Antilhas inglesas, ao beneficiar-se dos preços de monopólio que gozavam no mercado inglês — mercado esse em rápida expansão no século XVIII — desinteressaram-se das exportações, o que permitiu ao açúcar do Brasil recuperar alguns mercados. Veja-se F. W. PITMAN, *The Development of the British West Indies*, Oxford, 1947, p. 170, 185-87.

açúcar
bruto em
Londres
1739
Ouro
Americano
População
Brasil

— sendo esse provavelmente o nível de renda mais baixo que haja conhecido o Brasil em todo o período colonial⁷⁴.

Observada em conjunto, a economia brasileira se apresentava como uma constelação de sistemas em que alguns se articulavam entre si e outros permaneciam praticamente isolados. As articulações se operavam em torno de dois pólos principais: as economias do açúcar e do ouro. Articulada ao núcleo açucareiro, se bem que de forma cada vez mais frouxa, estava a pecuária nordestina. Articulada ao núcleo mineiro estava o *hinterland* pecuário sulino, que se estendia de São Paulo ao Rio Grande. Esses dois sistemas, por seu lado, ligavam-se frouxamente através do rio São Francisco, cuja pecuária se beneficiava da meia-distância a que se encontrava entre o Nordeste e o centro-sul para dirigir-se ao mercado que ocasionalmente apresentasse maiores vantagens. No norte estavam os dois centros autônomos do Maranhão e do Pará. Este último vivia exclusivamente da economia extrativa florestal organizada pelos jesuítas com base na exploração da mão-de-obra indígena. O sistema jesuítico, cuja produtividade aparentemente chegou a ser elevada mas sobre o qual não se dispõe de muitas informações — a Ordem não pagava impostos nem publicava estatísticas — entrou em decadência com a perseguição que sofreu na época de Pombal. O Maranhão, se bem constituísse um sistema autônomo, articulava-se com a região açucareira através da periferia pecuária. Desta forma, apenas o Pará existia como um núcleo totalmente isolado. Os três principais centros econômicos — a faixa açucareira, a região mineira e o Maranhão — se interligavam, se bem que de maneira fluida e imprecisa, através do extenso *hinterland* pecuário.

Dos três sistemas principais o único que conheceu uma efetiva prosperidade no último quartel do século foi o Maranhão. Essa região se beneficiou inicialmente de uma cuidadosa atenção do governo português, a cuja testa estava Pombal, então empenhado em luta de morte contra a Ordem dos Jesuítas. Os colonos do Maranhão eram adversários tradicionais dos jesuítas na

(74) Admitindo-se, para um ano favorável do final do século XVIII, um valor de exportações de 4 milhões de libras e supondo-se otimistamente que o valor das exportações representava apenas a quarta parte da renda, deduz-se que esta estaria em torno de 16 milhões de libras, ou seja, aproximadamente 100 milhões de dólares atuais. Para uma população livre de cerca de 2 milhões a renda *per capita* estaria em torno de 50 dólares. Este dado constitui uma simples indicação, pois o conceito mesmo de renda só com muita reserva se pode aplicar a uma economia em que grande parte do produto não se integra no setor monetário.

luta pela escravização dos índios. Pombal ajudou-os criando uma companhia de comércio altamente capitalizada que deveria financiar o desenvolvimento da região, tradicionalmente a mais pobre do Brasil⁷⁵. Tão importante quanto a ajuda financeira, entretanto, foi a modificação no mercado mundial de produtos tropicais, provocada pela guerra de independência dos EUA e logo em seguida pela revolução industrial inglesa. Os dirigentes da companhia perceberam desde o início que o algodão era o produto tropical cuja procura estava crescendo com mais intensidade, e que o arroz produzido nas colônias inglesas e principalmente consumido no sul da Europa não sofria restrição de nenhum pacto colonial. Os recursos da companhia foram assim concentrados na produção desses dois artigos. Quando os principais frutos começavam a surgir, ocorreu, demais, que o grande centro produtor de arroz foi excluído temporariamente do mercado mundial em razão da guerra de independência das colônias inglesas da América do Norte. A produção maranhense encontrou, assim, condições altamente propícias para desenvolver-se e capitalizar-se adequadamente. A pequena colônia, em cujo porto entravam um ou dois navios por ano e cujos habitantes dependiam do trabalho de algum índio escravo para sobreviver, conheceu excepcional prosperidade no fim da época colonial, recebendo em seu porto de cem a cento e cinquenta navios por ano e chegando a exportar um milhão de libras.

Excluído o núcleo maranhense, todo o resto da economia colonial atravessou uma etapa de séria prostração nos últimos decênios do século. Na região do ouro, a depressão é particularmente profunda e se estenderá pela primeira metade do século seguinte. Essa decadência afeta indiretamente a região pecuária do sul, a qual atravessará prolongado período de dificuldades internas. Contudo, um conjunto de fatores circunstanciais deu à colônia, no começo do século XIX, uma aparência de prosperidade, tanto maior quanto a transferência do governo metropolitano e a abertura dos portos, em 1808, criaram um clima geral de otimismo.

O último quartel do século XVIII e os primeiros dois decênios do seguinte estão marcados por uma série de acontecimentos polí-

(75) Ao ajudar os colonos, Pombal não apoiou estes em seus propósitos de escravização dos índios. Coube, na verdade, a este estadista, eliminar de vez as formas abertas e disfarçadas de escravidão do indígena em terras brasileiras. A ajuda financeira permitiu a importação em grande escala de mão-de-obra africana, o que modificou totalmente a fisionomia étnica da região.

Brasil:
açúcar e
ouro:
gado e gado

Indep. EUA
Rev. Industrial
algodão e
arroz: pros-
peridade
Amaz. (?)

Ouro
depressão

1730-1820

ticos que tiveram grandes repercussões nos mercados mundiais de produtos tropicais. O primeiro desses acontecimentos foi a guerra de independência dos EUA, a cujos reflexos indiretos na região maranhense já nos referimos. O segundo foi a Revolução Francesa e os subseqüentes transtornos nas suas colônias produtoras de artigos tropicais. Por último vieram as guerras napoleônicas, o bloqueio e o contrabloqueio da Europa, e a desarticulação do vasto império espanhol da América.

(Haiti?)
Em 1789 entrou em colapso a grande colônia açucareira francesa que era Haiti. Nesse pequeno território estavam concentrados quase meio milhão de escravos que se revoltaram e destruíram grande parte da riqueza ali acumulada, modificando a situação do mercado do açúcar. Abre-se, assim, para a região açucareira do Brasil, nova etapa de prosperidade. O valor das exportações de açúcar, com efeito, mais que duplica na etapa das guerras napoleônicas. A atividade industrial na Inglaterra é intensa durante esses anos de guerra, e a procura de algodão cresce fortemente. Seguindo o Maranhão, o Nordeste dedica recursos à produção desse artigo. As dificuldades surgidas nas colônias espanholas também repercutem no mercado de produtos tropicais e couros. Dessa forma, praticamente todos os produtos da colônia se beneficiam de elevações temporárias de preços. O valor total da exportação de produtos agrícolas praticamente duplica entre os anos oitenta do século XVIII e o fim da era colonial, aproximando-se dos quatro milhões de libras. Entretanto, essa prosperidade era precária, fundando-se nas condições de anormalidade que prevaleciam no mercado mundial de produtos tropicais. Superada essa etapa, o Brasil encontraria sérias dificuldades, nos primeiros decênios de vida como nação politicamente independente, para defender sua posição nos mercados dos produtos que tradicionalmente exportava.

CAPÍTULO XVII

PASSIVO COLONIAL, CRISE FINANCEIRA E INSTABILIDADE POLÍTICA

A REPERCUSSÃO, NO BRASIL, DOS ACONTECIMENTOS políticos da Europa de fins do século XVIII e começo do seguinte, se por um lado acelerou a evolução política do país, por outro contribuiu para prolongar a etapa de dificuldades econômicas que se iniciara com a decadência do ouro. Ocupado o reino português pelas tropas francesas, desapareceu o entreposto que representava Lisboa para o comércio da colônia, tornando-se indispensável o contato direto desta com os mercados ainda acessíveis. A "abertura dos portos" decretada ainda em 1808, resultava de uma imposição dos acontecimentos⁷⁶. Vêm em seguida os tratados de 1810 que transformam a Inglaterra em potência privilegiada, com direitos de extraterritorialidade e tarifas preferenciais a níveis extremamente baixos, tratados esses que constituirão, em toda a

(76) A "abertura dos portos", se bem que na prática beneficiaria quase exclusivamente aos ingleses, foi decretada sem consulta a estes últimos, pois na parte da frota que tocou na Bahia não viajava o Visconde de Strangford, representante da Inglaterra, que seria o mentor da política econômica do governo português, a partir do momento em que este se estabelecesse no Rio de Janeiro. Segundo consta, o Príncipe Regente relutou muito antes de aceitar os argumentos de José da Silva Lisboa, depois Visconde de Cairu, em favor da abertura dos portos, o que indica quão pouca percepção tinham os governantes lusitanos do que estava ocorrendo na realidade. Os ingleses — que acreditavam menos em ADAM SMITH do que José da Silva Lisboa — tampouco ficaram muito satisfeitos, conforme se deduz das palavras de seu representante no Rio, Mr. Hill, a Dom João, a propósito da medida: "it could not fail to produce a good effect in England, but that had it authorized the admittance of British vessels, and for British manufactures upon terms more advantageous than those granted to the ships and merchandise of other foreign nations, it would necessarily have afforded greater satisfaction". Carta de Hill a CANNING, de 30 de março de 1808, citada por A. K. MANCHESTER, *op. cit.*, p. 71.